

## SOLIDÃO E VELHICE: MATÉRIA DE POESIA

Regina Lúcia de Medeiros<sup>1</sup>

76

**Resumo:**

Investigamos, neste artigo, as representações da velhice na poesia de Manoel de Barros. Para tanto, partimos da leitura comparativa dos poemas “O Provedor”, presente nos *Ensaios fotográficos*, de 2000, e “Meu avô”, publicado em *O fazedor de amanhecer*, de 2001. Tomamos como pressupostos teóricos os escritos de Beauvoir (1990), Bosi (1987) e Bachelard (1988).

**Palavras-chave:** poesia; Manoel de Barros; velhice.

## [ APRESENTAÇÃO ]

Quando falamos em Poesia Contemporânea Brasileira, o nome de Manoel de Barros nos vem de pronto à lembrança. Diante da obra do poeta, nossos olhos leitores são inundados por imagens da infância – uma busca rápida nos bancos de teses indica um número incontável de pesquisas realizadas sobre essa temática. Curiosamente, outro momento da nossa vida também se destaca como “matéria de poesia” na criação poética barreana: a velhice. Personagens como Mestre Aristeu, Nhá Velina Cuê, a avó e o avô surgem ao longo dos versos para transmitir ensinamentos preciosos aos meninos que ora assistem a aulas de latim, ora brincam nas margens dos rios. Desse modo, juntemo-nos ao poeta- menino, eu-lírico barreano, para ouvir essas vozes da experiência.

Neste artigo, nosso objetivo principal é analisar as representações da velhice na poesia de Manoel de Barros. Para tanto, propomos uma leitura comparativa dos poemas que tomam como imagem principal a figura do avô. Dentre esses poemas, destacam-se “O Provedor”, presente nos *Ensaios fotográficos*, de 2000, e “Meu avô”, publicado pela primeira vez em *O fazedor de amanhecer*, de 2001. No entanto, ressaltamos a importância, para a construção da nossa leitura, de um passeio por outras obras do poeta, reunidas na edição da sua *Poesia completa* (BARROS, 2010).

<sup>1</sup>Mestre em Estudos da Linguagem (na área de Literatura Comparada), pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Doutoranda, vinculada ao mesmo Programa. **E-mail:** medeiros.rl@hotmail.com

Focalizando a figura do avô, procuramos investigar o papel da velhice nessa obra poética, assim como nos perguntamos qual a função, social e humana, que o velho desempenha nessas “histórias inventadas”. A imagem do avô é apresentada de acordo com a lógica capitalista, que o vê como sujeito passivo e improdutivo, ou é tomado como força motriz da criação poética? Na tentativa de responder a esses questionamentos, partimos dos escritos de Beauvoir (1990) e Bosi (1987) acerca da velhice, assim como nos referimos aos escritos de Bachelard (1988), quando lemos as imagens poéticas criadas em torno da solidão como devaneio poético.

Com este breve estudo, esperamos contribuir para a fortuna crítica de Manoel de Barros, trazendo ao centro da discussão certos elementos da sua criação poética e sugerir temas para futuras pesquisas.

## [ O SER DO ABANDONO ]

Os poemas que compõem os *Ensaios fotográficos*, de 2000, problematizam, como o próprio título do livro sugere, a relação entre a arte da escrita e a arte da fotografia. O livro é dividido em duas partes. Na primeira delas, que possui título homônimo ao do livro, os poemas referem-se ao ato moderno de fotografar, apresentam objetos, cenas, personagens, e compõem a visão de um eu-lírico fotógrafo, detentor de um olhar único em relação ao mundo e seus acontecimentos. Na segunda parte, intitulada “Álbum de família”, os poemas são pontuados por matizes autobiográficos. Nessa parte, o poeta não somente brinca com a relação objetividade x subjetividade, que é inerente ao ato de comparar a escrita à fotografia, como também retoma a dialética existente entre a realidade e sua representação no fazer poético.

Por um lado, é sugerida ao leitor uma espécie de “pacto autobiográfico”<sup>2</sup> que se infere a partir da leitura do título “Álbum de família”, e dos títulos dos poemas “Autorretrato”, “O poeta”, “A doença”, “O provedor”. No entanto, esse pacto é desconstruído a partir da epígrafe dessas páginas, na qual nos deparamos com uma citação de Clarice Lispector: “Eu te invento, ó realidade!”. Esse jogo mimético é retificado logo no primeiro poema, cujos versos brincam com dados biográficos para, em seguida, se colocarem sob o signo da *invenção* – “Tenho uma confissão: noventa por cento do que/ escrevo é invenção; só dez por cento é mentira” (BARROS, 2010, p.389).

<sup>2</sup> O termo refere-se à definição de Lejeune (2014, p.26), ao comentar a relação de identidade entre o “eu” da narrativa e o autor de uma obra. No tocante à relação entre autobiografia e poesia, Lejeune (p.103) estuda narrativas autobiográficas que, escritas em versos, se referem a dados históricos e etapas da formação do autor.

É nesse contexto plural, cambiante e rico em jogos de significações, que o eu-lírico explode a própria linguagem e suas relações com a realidade e a ficção. Nele destaca-se a figura do avô como “provedor de poesia”. Vejamos.

#### O PROVADOR

Andar à toa é coisa de ave.  
Meu avô andava à toa.  
Não prestava pra quase nunca.  
Mas sabia o nome dos ventos  
E todos os assobios para chamar passarinhos.  
Certas pombas tomavam ele por telhado e passavam  
as tardes frequentando o seu ombro.  
Falava coisas pouco sisudas: que fora escolhido para  
ser uma árvore.  
Lírios o meditavam.  
Meu avô era tomado por lesão porque de manhã dava  
bom-dia aos sapos, ao sol, às águas.  
Só tinha receio de amanhecer normal.  
Penso que ele era provedor de poesia como as aves  
e os lírios do campo. (BARROS, 2010, p.391)

Nesse poema de versos brancos e livres, o avô é apresentado como um sujeito íntimo da natureza e conhecedor dos arcanos da poesia. A natureza é personificada e estabelece diálogos com o avô, concretizando, assim, uma troca de experiências. Logo nos primeiros versos, o avô do eu-lírico é caracterizado em relação à natureza (seu “andar à toa”, como o andar de uma ave) e valorizado por seu conhecimento das tradições (os nomes dos ventos e os assobios de chamar passarinhos). No terceiro verso, porém, encontramos uma característica fundamental do avô (“Não prestava pra quase nunca”) que nos remete, numa primeira leitura, à noção de utilidade, central na sociedade pragmática.

Nessa primeira leitura, é válido lembrar os processos de modernização e consequências que eles determinaram nas relações humanas. Sobre essas consequências, Bosi (1987, p. 35) afirma que “a sociedade industrial é maléfica para a velhice”. A autora argumenta que os processos se acentuam e provocam rupturas nas relações entre os homens e na relação que o ser humano estabelece com a natureza. Nessa sociedade, marcada pela diferença de classes, o velho passa a ser desqualificado e visto como inútil, uma vez que já não pode produzir. Ao velho, portanto, são negados a ação, o diálogo e a continuidade da sua obra.

Em “O Provedor”, essa realidade é sugerida no terceiro verso, cuja sintaxe, com seu aspecto de oralidade, é própria da escrita de Manoel de Barros – a inutilidade do velho é até mesmo reforçada na dupla marcação da negativa pelos advérbios “não” e “nunca”. Porém, um leitor atento, ou já

iniciado na leitura desse poeta, reconhecerá a revalorização do verbo “prestar” nesses versos. Como sabemos, palavras como “desutilidade”, “desuso”, “inútil” são marcas da linguagem transgressora de Manoel de Barros (cf. DIAS, 2009). Logo, nesse poema, a atribuição da característica de “não prestar” soa, antes de tudo, como atribuição de uma qualidade. Além disso, é o próprio avô que tem “receio de amanhecer normal”, isto é, de ser acolhido por uma sociedade que objetiva a produção e o lucro. Longe de se guiar pelos parâmetros dessa sociedade moderna, ele subverte a concepção da velhice como categoria social inferior e se liberta da “fatalidade” biológica – seu andar não é descrito como lento e pesado, mas leve e aéreo como o de uma ave; seu conhecimento não é silenciado, mas reconhecido como harmonioso, pois está em consonância com a natureza, e poético.

Essa caracterização dialoga com a cena apresentada no poema “Meu avô”, presente em *O fazedor de amanhecer*. Publicado em 2001, esse livro foi direcionado para o público infantil e juvenil. Nele, os versos de Manoel de Barros ganham forma nas cores e nos traços das ilustrações de Ziraldo<sup>3</sup>. Apesar de ter sido destinado a um público específico, os poemas desse livro geralmente seguem o mesmo estilo das demais obras do poeta – versos livres, sintaxe própria, referências eruditas, intertextualidade, linguagem transgressora, metalinguagem. Vejamos o poema.

#### MEU AVÔ

Meu avô dava grandeza ao abandono.  
Era com ele que vinham os ventos a conversar  
Sentava-se o velho sobre uma pedra nos fundos  
do quintal  
E vinham as pombas e vinham as moscas a  
conversar.  
Saía do fundo do quintal para dentro da  
casa  
E vinham os gatos a conversar com ele.  
Tenho certeza que o meu avô enriquecia  
a palavra abandono.  
Ele ampliava a solidão dessa palavra.  
E as borboletas se aproveitavam dessa  
amplidão para voar mais longe.  
(BARROS, 2010, p. 475)

Ao lermos esse poema, o que chama, de imediato, a atenção é a sua semelhança com o poema comentado anteriormente – seus versos são igualmente brancos e livres, ambos são formados por uma única estrofe, possuem marcas da oralidade e apresentam o avô do eu-lírico como um sujeito que dialoga com a natureza personificada. Entretanto, esses poemas são diferentes e se completam. Seguindo a análise já iniciada, percebemos que, no segundo poema, o eu-lírico anuncia novamente a

---

<sup>3</sup> Estudamos a relação entre os poemas e as ilustrações, assim como outras características dessa obra, em Medeiros (2009).

figura do avô, determinando-o com o pronome possessivo “meu” – marcação que sugere o afeto e a naturalidade típicos de uma criança. Nesses versos, o eu-lírico recorda-se do seu ancestral como um homem vinculado à natureza e dotado da capacidade de se comunicar com os animais. No entanto, a percepção do avô como sujeito “provedor de poesia” não é explicitada. Nesse poema, essa constatação é mais sutil.

O verso inicial do poema é marcado por uma palavra socialmente frisada por uma conotação negativa – “Meu avô dava grandeza ao abandono”. Se pensarmos na condição social dos idosos em nosso país, vemos que a palavra “abandono”, juntamente com a palavra “solidão”, também mencionada no poema, ecoa o cenário de descaso, desrespeito e silenciamento, estruturante da nossa sociedade.

Referência nos estudos sobre a velhice, a obra de Simone de Beauvoir (1990) revela a condição dos mais velhos ao longo dos séculos no Ocidente. Publicado em 1970, o estudo denuncia o silenciamento ao qual esses sujeitos são submetidos. O abandono, o desamparo familiar e a estigmatização social são formas de apagamento das vozes dos velhos na nossa sociedade. Segundo a autora, herdamos esse descaso dos antigos, que já desprestigiavam os indivíduos de idade mais avançada.

No entanto, a situação agravou-se com a Revolução Industrial, cujas intensas mudanças econômicas e sociais promoveram uma disparidade em relação ao tratamento que era dispensado aos idosos de acordo com o pecúlio de cada indivíduo (BEAUVOIR, 1990, p.242). A partir desse período, o valor da experiência é sobrepujado pelo valor de compra.

Sobre a condição da velhice nos dias atuais, Correa (2009, p.33) afirma que o envelhecimento das populações e os avanços científicos e tecnológicos vêm, desde os finais do século XX até os dias atuais, modificando o conceito e proporcionando novas relações com essa fase da vida – são citados, entre outros fatos, o surgimento dos grupos de apoio; a utilização dos termos “idosos”, “terceira idade”, “melhor idade”; o aprimoramento da medicina especializada. Essas mudanças sociais, entretanto, ocorrem lentamente, e cada sociedade, lembra a autora, possui suas necessidades específicas.

Voltando ao poema de Manoel de Barros, percebemos que a conotação negativa dos termos “abandono” e “solidão” é atenuada, senão suprimida, pelo reconhecimento da “grandeza” e pela utilização do verbo “enriquecer” – “Meu avô dava grandeza ao abandono”; “Tenho certeza que o meu avô enriquecia a palavra abandono”. Além disso, a reiteração do verbo “conversar” ao longo do poema sugere a presença constante do diálogo, dos valores vitais e da troca de experiências.

Conforme Beauvoir e Bosi, o velho é silenciado na sociedade capitalista, no sentido de não possuir voz, nem constituir força de trabalho. Na poesia de Manoel de Barros, entretanto, o seu silêncio e a sua solidão são fontes de poesia. Nesses versos, o poeta parece partir de uma constatação

da imagem social do velho para promover a sua posterior ressignificação – o poeta atribui valor sentimental e poético aos sujeitos que são vistos como desprovidos de valor de troca<sup>4</sup>.

No poema “Meu avô”, percebemos ainda a movimentação do sujeito no espaço. Os versos possuem tom narrativo e descrevem a movimentação do avô do lado de fora (o fundo do quintal) para o interior da casa, sugerindo, dessa forma, uma dialética do interior x exterior, em relação ao espaço da casa. Do mesmo modo, essa dialética está presente no sentimento de abandono e solidão, que, sendo próprios da interioridade subjetiva do personagem, expandem-se, exteriorizam-se e materializam-se no voo das borboletas.

## [ A SOLIDÃO POÉTICA ]

Ao longo da nossa pesquisa, percebemos que o avô é personagem frequente na obra de Manoel de Barros. No *Concerto a céu aberto para solos de ave*, de 1991, o avô é a figura central do livro, uma vez que nele são apresentados versos atribuídos ao personagem. Em um poema narrativo, o eu-lírico conta um acontecimento fantástico, cujo protagonista é seu avô, para, em seguida, reproduzir no “Caderno de apontamentos”, poemas e reflexões do personagem.

Já no *Livro sobre nada*, publicado em 1996, a sua figura aparece em trechos da primeira parte do livro, intitulada “Arte de infantilizar formigas”. Nesses trechos, sua imagem é apresentada de maneira semelhante à imagem que referimos no tópico anterior<sup>5</sup>.

Nos *Poemas rupestres*, de 2004, por sua vez, o avô reaparece num poema singelo, intitulado “No sítio”, que figura na segunda parte do livro (“Desenhos de uma voz”). Nesse poema, o avô é mostrado como um campesino que parte, montado na égua Floripa, para conhecer a Capital. Contudo, a égua prega-lhe uma peça, e o avô avalia com o campo como se estivesse na cidade. O poema possui tom humorístico e questiona as relações entre o campo e a cidade. Ainda nesse livro, o avô aparece no poema metalinguístico e bem-humorado “Armário”, que integra a terceira parte (“Carnaval”).

Como podemos ver, as representações da velhice, assim como a caracterização do personagem que decidimos observar, são tão variadas e extensas quanto a obra poética de Manoel de Barros. Sendo assim, concluímos previamente pela necessidade de uma pesquisa suficientemente

<sup>4</sup> É oportuno lembrar que essa revalorização característica da poesia barreana foi explicitada no poema “Matéria de poesia”: “[...] As coisas jogadas fora/ têm grande importância/ – como um homem jogado fora [...]” (BARROS, 2010, p. 147).

<sup>5</sup> “Meu avô abastecia o abandono.” (BARROS, 2010, p.331)

“Meu avô ampliava a solidão.” (p. 331)

“Meu avô sabia o valor das coisas imprestáveis.” (p. 333)

ampla para investigar todas essas representações. Por ora, voltemo-nos para a análise da imagem do avô como “provedor de poesia” e “ampliador da solidão”.

Essa imagem reaparece em trechos significativos de *Menino do mato*, último livro do poeta, publicado em 2010. Nesse livro, o eu-lírico apresenta o avô como sujeito poético e depois se coloca, ele mesmo, como herdeiro do silêncio e da poesia.

V

O lugar onde a gente morava quase só tinha bicho  
solidão e árvores.  
Meu avô namorava a solidão.  
Ele era um florilégio de abandono.  
De tudo o que me restou sobre aquele avô foi esta  
imagem: ele deitado na rede com a sua namorada, mas  
se a gente o retirasse da rede por alguma necessidade,  
a solidão ficava destampada.  
Oh, a solidão destampada!  
Essa imagem da solidão que ficara dentro de mim por  
anos.  
[...]  
(BARROS, 2010, p. 454)

Esse trecho, proveniente da primeira parte do livro, homônima do título, mostra-nos a solidão e o abandono, antes atribuídos ao sujeito em si, agora projetados no espaço habitado. Curiosamente, esses versos revelam também o avô envolvido em uma cena amorosa, “deitado na rede com sua namorada”. Por fim, vemos, nos últimos versos citados, o eu-lírico colocando-se explicitamente como herdeiro da solidão do avô. O mesmo fato acontece na segunda parte do livro, na qual é reproduzido o “Caderno de aprendiz”.

19

Quando meu Vô morreu caiu em silêncio  
concreto sobre nós.  
Era uma barra de silêncio!  
Eu perguntei então a meu pai:  
Pai, quando o Vô morreu a solidão ficou destampada?  
Solidão destampada?  
Como um pedaço de mosca no chão.  
Não é solidão destampada?

20

O menino que recebera o privilégio do  
abandono.  
Achava que o seu abandono era maior que  
o abandono do lugar.  
Mas o abandono do lugar era maior  
porque continha o primordial.

Nesses dois trechos, de grande beleza, encontramos, explicitado, o momento da transmissão de um legado poético. Com a narração da partida do avô, agora referenciado na forma ainda mais íntima “meu Vô”, o eu-lírico sente o peso do silêncio como concreto e sente desvendados a solidão e o abandono, até então personificados na imagem do avô. Em seguida, o próprio eu-lírico narra-se como menino e herdeiro do “privilégio do abandono”.

Desse modo, percebemos a ligação da tradição com o moderno, a relação do velho com o menino, a relação do sujeito com o seu espaço e a relação da solidão com o devaneio poético. Ressalta, portanto, o papel do velho como “guardião do tesouro espiritual da comunidade, a tradição” (BOSI, 1987, p.40), e a ele é atribuída a voz de narrador capaz de comunicar suas experiências, de perpetuar a memória social.

Por outro lado, podemos compreender a solidão do avô, que várias vezes citamos ao longo destas páginas, como a solidão cósmica de que nos fala Bachelard (1988, p.102); aquela solidão característica dos sonhadores que sonham palavras. A solidão dos poetas que, associando memória e imaginação, desperta a criança presente no homem e reintegra este último à natureza.

## [ CONSIDERAÇÕES FINAIS ]

---

Neste artigo, analisamos as representações da velhice presentes na obra de Manoel de Barros. Partindo da leitura de poemas que tomam a figura do avô como personagem central, percebemos uma denúncia implícita do descaso e do abandono a que o velho é relegado e o conseqüente aproveitamento poético dessa realidade convertida em matéria de poesia. A partir de um sobrevoo da obra do poeta, identificamos pontos que precisam ser mais bem discutidos e aprofundados em pesquisas futuras.

Por fim, vislumbramos traços de continuidade na obra de Manoel de Barros e compreendemos, ainda que parcialmente, a relação entre velhice e infância na sua poesia. Concluimos sobretudo que a figura do avô, desenhada sob o signo do abandono, apresenta-se como elemento estruturante da poética barreana do “desútil”.

## [ REFERÊNCIAS ]

BACHELARD, G. Os devaneios voltados para a infância. In: **A poética do devaneio**. 5 ed. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988. p. 93-137.

BARROS, M. de. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BEAUVOIR, S. de. **A Velhice**. Trad. Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 2 ed. São Paulo: T. A. Queiroz : Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

CORREA, M. R. **Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade**: velhice e terceira idade. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

DIAS, M. H. M. Espaço e linguagem na poesia de Manoel de Barros: uma constante (des)aprendizagem. **Antares** – Revista de Pós-graduação em Letras e Cultura Regional, nº 1, Universidade de Caxias do Sul, jan-jun 2009. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/viewFile/304/264>>. Acesso: 20 mar 2015.

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Org. de Jovita Maria Gernheim Noronha. Trad. Jovita Maria Gernheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. 2 ed. Belo Horizonte: Ed. da Universidade Federal de Minas Gerais, 2008. (Coleção Humanitas).

MEDEIROS, R. L. Fabricando o amanhecer: infância e criação poética em Manoel de Barros. **Anais da XVII Semana de Humanidade**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN, 1º a 5 de junho de 2009.

## SOLITUDE ET VIEILLESSE: MATIÈRE DE POÉSIE

### Resumé:

Nous étudions dans le présent article les représentations de la vieillesse dans la poésie de Manoel de Barros. À cette fin, nous avons procédé à la lecture comparée des poèmes « Le pourvoyeur », qui fait partie des *Ensaio fotograficos* [*Essais photographiques*], de 2000, et « Mon grand-père », publié dans *O fazedor de amanhecer* [*Le faiseur de petits matins*], de 2001. Nous avons pris comme présupposés théoriques les écrits de Beauvoir (1990), Bosi (1987) et Bachelard (1988).

**Mots-clés:** poésie; Manoel de Barros; vieillesse.

